

MATTHEW D'ANCONA

Pós-verdade

*A nova guerra contra a verdade em tempos de
FAKE NEWS.*

Tradução:
Carlos Szlak



Sumário

9 INTRODUÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

PREFÁCIO

13 QUASE MORTE, PÓS-VERDADE

CAPÍTULO 1

19 “QUEM SE IMPORTA?”:
A CHEGADA DA ERA DA PÓS-VERDADE

19 O BREXIT, TRUMP E A NOVA AUDIÊNCIA POLÍTICA

32 VERDADE SAINDO, EMOÇÃO ENTRANDO

CAPÍTULO 2

41 “VOCÊ NÃO É CAPAZ DE LIDAR COM A VERDADE!”:
AS ORIGENS DA ERA DA PÓS-VERDADE

41 O COLAPSO DA CONFIANÇA

46 A ASCENSÃO DA INDÚSTRIA DA DESINFORMAÇÃO

50 BEM-VINDO AO BAZAR DIGITAL

54 NOTÍCIAS FALSAS

CAPÍTULO 3

**61 CONSPIRAÇÃO E NEGAÇÃO:
OS AMIGOS DA PÓS-VERDADE**

- 61 A PARANOIA ASSUME O PRIMEIRO PLANO
- 68 QUEM PRECISA DA CIÊNCIA?
- 73 ANTISSEMITISMO E NEGAÇÃO DO HOLOCAUSTO
NA ERA DIGITAL

CAPÍTULO 4

**83 O COLAPSO DA PEDRA FILOSOFAL:
PÓS-MODERNISMO, IRONIA
E A ERA DA PÓS-VERDADE**

- 83 O PODER DAS IDEIAS
- 84 PÓS-MODERNISMO, BOM E MAU
- 88 FERRUGEM SOBRE O METAL DA VERDADE
E SUAS CONSEQUÊNCIAS
- 92 MOTIVOS PARA SE ANIMAR

CAPÍTULO 5

**99 “O FEDOR DAS MENTIRAS”:
ESTRATÉGIAS PARA DERROTAR A PÓS-VERDADE**

- 99 SEM VOLTAR PARA TRÁS
- 101 O ESPECTRO DO ESCRUTÍNIO
- 103 TECNOLOGIA, CURA-TE A TI MESMA
- 109 FATOS NÃO SÃO SUFICIENTES
- 113 SUPERE A NARRATIVA
- 119 TÃO VERDADEIRO E ENGRAÇADO COMO PARECE
- 121 A VERDADE, SE FORMOS CAPAZES DE MANTÊ-LA

131 NOTAS

141 AGRADECIMENTOS

INTRODUÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

.....

HÁ ALGUMAS DÉCADAS EXISTE, NO BRASIL, A TRADIÇÃO anual do chamado “hit do verão”, música que dominará as festas, praias, rádios e programas de auditório durante a estação praieira nacional. Não seria absurdo afirmar que, com o advento das mídias sociais, surge de tempos em tempos um “hit do verão das ideias”. Foi o que aconteceu, a partir da segunda metade do ano de 2016, sobretudo depois do chamado “Brexit” e da vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais norte-americanas, com a “pós-verdade”, apontada indistintamente como sintoma, causa e consequência daqueles dois eventos e de outros semelhantes. Mas se o hit do verão dura no máximo até a próxima estação, a pós-verdade, pelo menos enquanto fenômeno sociológico, parece destinada a perdurar por muitos carnavais. É prudente, pois, ir um pouco além das polêmicas de internet e tentar entender, de fato, o que ela significa. É isto o que faz Matthew d’Ancona em *Pós-verdade: A nova guerra contra a verdade e como reagir*.

Pós-verdade não é a mesma coisa que mentira. Os políticos, afinal, mentem desde o início dos tempos. O que a pós-verdade traz de novo “não é a desonestidade dos políticos, mas a resposta do público a isso.

A indignação dá lugar à indiferença e, por fim, à convivência(Ver página 34).” Massacrado por informações inverossímeis e contraditórias, o cidadão desiste de tentar discernir a agulha da verdade no palheiro da mentira e passa a aceitar, ainda que sem consciência plena disso, que tudo o que resta é escolher, entre as versões e narrativas, aquela que lhe traz segurança emocional. A verdade, assim, perde a primazia epistemológica nas discussões públicas e passa a ser apenas um valor entre outros, relativo e negociável, ao passo que as emoções, por outro lado, assumem renovada importância. Na base do fenômeno, argumenta d’Ancona, está o colapso da confiança nas instituições tradicionais, pois “todas as sociedades bem-sucedidas dependem de um grau relativamente alto de honestidade para preservar a ordem, defender a lei, punir os poderosos e gerar prosperidade(Ver página 42)”.

Para os brasileiros, *Pós-verdade*, o livro, é ainda mais relevante do que é para o público inglês e norte-americano, a quem originalmente se destina. Pois não terá escapado ao leitor atento que as características da pós-verdade que d’Ancona e outros estudiosos apontam como fenômeno inédito e surpreendente na Inglaterra e nos Estados Unidos são o mesmo material de que se constitui a história do Brasil. Se elas definem a pós-verdade, então, parafraseando um antigo chiste, pode-se afirmar que o Brasil foi da mentalidade mitopoeítica à da pós-verdade sem passar pela era da verdade.

Não deixa de ser curioso que d’Ancona mencione, como exemplo prototípico da cultura da pós-verdade, a atual campanha antivacinação em voga nos EUA. Pois o Brasil é aquele país em que houve uma revolta popular, a Revolta da Vacina de 1904, contra a vacinação e a favor da varíola. D’Ancona cita ainda, como um dos motivos da descrença generalizada nas instituições, os gastos exorbitantes dos políticos britânicos: tudo trocado perto das cifras que os brasileiros estão acostumados a encontrar associadas aos políticos do país. Também não podemos ignorar que, se a base de toda sociedade próspera é a confiança, a da nossa é a Lei de Gerson, a tentativa de levar vantagem

sobre todos, da qual os escândalos de corrupção são apenas o aspecto mais visível. Quanto à primazia das emoções na nossa vida pública, ela é tal, que a narrativa padrão de uma das eleições mais importantes da nossa história, a de 2002, foi a de que “a esperança venceu o medo”. E o valor relativo que damos à verdade não deixa de se fazer presente no melhor da nossa literatura de ficção. Um dos personagens mais queridos do nosso teatro é o Chicó, de *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Sua marca é contar as histórias mais estapafúrdias e inverossímeis. Quando lhe perguntam como aquilo é possível, responde: “Não sei, só sei que foi assim”. Mais pós-verdade impossível. Se as manchetes correntes e os prognósticos para as eleições de 2018 indicam algo, é que esse estado de coisas, de passado tão glorioso, tem também futuro promissor.

Nas sociedades ocidentais, a primazia da verdade como valor cultural e árbitro das questões públicas é, em grande medida, lembra d’Ancona, resultado do Iluminismo. Assim, não é coincidência que tal primazia pareça nunca ter chegado ao Brasil. O Iluminismo é uma das marcas definidoras da Modernidade e esta, segundo os estudiosos, nunca fincou raízes por aqui.

Por isso, este livro tem uma dupla utilidade para nós. Por um lado, ele explica o advento da pós-verdade naquelas sociedades e o perigo que ela apresenta para uma sociedade como a nossa, que sequer chegou a conhecer uma era da verdade. Por outro, ajuda a entender certos aspectos do nosso passado, sendo a única forma de modificar o nosso futuro.

OS EDITORES

QUASE MORTE, PÓS-VERDADE

EM SETEMBRO DE 2016, O ANJO DA MORTE ESBARROU EM mim. Basta dizer que uma úlcera perfurada, em combinação com uma sepsia abdominal, não é uma boa notícia. Ou, em outras palavras, ainda bem que só vi as taxas de mortalidade depois de sair do hospital.

Tive muita sorte, embora sentisse culpa pela preocupação que causei a meus familiares. Também senti profunda gratidão pelos médicos que me salvaram e ajudaram-me a recuperar-me mais rápido do que o previsto de início. Maravilhei-me com a ciência médica, que me trouxe de volta da beira do precipício: porque esse é exatamente o lugar em que estão os “especialistas” — tantas vezes criticados atualmente — de que precisamos.

Parafraseando o dr. Johnson*, posso dizer que essas experiências concentram a mente. Após receber alta, meu único objetivo profissional era voltar ao jornalismo para cobrir a eleição presidencial

* Samuel Johnson (1709-1784), conhecido como dr. Johnson, foi poeta, ensaísta, moralista, biógrafo, crítico literário e lexicógrafo inglês. (N.T.)

norte-americana de 8 de novembro.¹ Assim como a maioria dos comentaristas políticos, eu esperava a vitória de Hillary Clinton, mas tinha certeza de que a indicação de Donald Trump como candidato à presidência pelo Partido Republicano era mais do que uma anomalia, uma espécie de dobra no tecido político que seria desamassada em pouco tempo. A vitória de Trump tornou absurdo sustentar que se tratava de uma coisa como outra qualquer (embora alguns tenham tentado fazer isso). Fiquei pasmo por meus filhos adolescentes, nenhum dos quais partidário de Trump, não terem ficado muito surpresos com o resultado. A geração deles intuiu uma mudança no ar que a minha, de modo geral, não foi capaz.

Mas que mudança? Sem escapatória, Trump caminha com arrogância pelas páginas deste livro como uma pantera cor de cenoura. Mas ele não é o personagem principal. Assim como este livro não trata da extrema-direita nem de nenhuma ideologia específica. É bastante óbvio imaginar um equivalente de esquerda de Trump se agitando e subindo ao poder em uma onda de mentira e populismo impostor. O problema é mais profundo.

Meu tema é epistemológico. Ou seja, relacionado ao conhecimento, sua natureza e sua transmissão. Especificamente, investigo o valor declinante da verdade como moeda de reserva da sociedade e a difusão contagiosa do relativismo pernicioso disfarçado de ceticismo legítimo. Se, de fato, vivemos em uma era de pós-verdade, onde estão suas raízes? Quais são seus principais sintomas? E o que podemos fazer a respeito?

De modo geral, compartilho a aversão de Saul Bellow pela “tagarelise da crise”. Dito isso, há ocasiões em que é errado ficar em silêncio e adotar a pose de profissionalmente imperturbado. Após mais de 25 anos como jornalista, eu estaria traindo minha profissão se apoiasse a degradação do valor central do jornalismo — a exatidão — provocada por mascates e vendedores de “poções mágicas”. Aqueles de nós que trabalham para a mídia impressa erram, mas também somos

responsabilizados por nossos erros, e com razão. Então, o que acontece quando as mentiras não só proliferam como também parecem ter menos importância — ou até importância alguma?

Também sou curador do Science Museum, em Londres. Em seus salões e galerias, fruto do trabalho de sua notável equipe, parece uma afronta à maior revolução da história do conhecimento humano que estejam agora em circulação tanta falsificação, pseudociência e tolice médica. A noção de ciência como conspiração, em vez de um campo de investigação capaz de mudar o mundo, costumava se limitar aos excêntricos. Já não é mais assim. E isso, para mim, é intolerável.

Menciono esses detalhes porque este livro é basicamente um tratado pessoal, e não um manual desapaixonado. Não é um momento para histeria. Da mesma forma, não é hora de ser otimista ou ter a confiança presunçosa de que aquilo que chamamos de pós-verdade seja apenas a última moda sobre a passarela intelectual, que desaparecerá espontaneamente na insignificância.

Sem surpresa alguma, George Orwell oferece um texto para nossa época, e também para a dele — nesse caso, em seu ensaio de 1942 intitulado “Recordando a guerra civil”. Orwell lembrou o sucesso assustador da propaganda fascista, sobretudo em relação à intervenção russa no conflito:

Esse tipo de coisa é aterrorizante para mim, porque muitas vezes me dá a sensação de que o próprio conceito de verdade objetiva está desaparecendo do mundo. Afinal, há chances de essas mentiras, ou em todo caso mentiras semelhantes, passarem para a história. Como a história da guerra civil espanhola será escrita? Se Franco continuar no poder, pessoas nomeadas por ele escreverão os livros de história, (para ser fiel ao exemplo escolhido) aquele exército russo que nunca existiu se tornará um fato histórico, e gerações de estudantes aprenderão a respeito dele a partir daí. Mas suponha que o fascismo

seja finalmente derrotado e algum tipo de governo democrático se restabeleça na Espanha num futuro razoavelmente próximo; mesmo então, como a história da guerra será escrita? Que tipo de arquivo Franco deixará para trás? Suponha até mesmo que os arquivos mantidos pelo governo atual sejam recuperáveis – ainda assim, como uma história verdadeira da guerra será escrita? Pois, como já sublinhei, o governo também lidava amplamente com mentiras. Do ângulo antifascista, será possível escrever uma história verdadeira da guerra em termos gerais, mas seria uma história parcial, em cujos pontos secundários não se pode confiar. Ainda assim, no final das contas, algum tipo de história será escrito e, depois que aqueles que de fato se lembrarem da guerra estiverem mortos, será universalmente aceito. Então, para todos os efeitos práticos, a mentira terá se tornado verdade*.

Orwell reconhecia que não havia nada de novo na noção de parcialidade histórica. No entanto, ele afirma: “... o peculiar à nossa época é o abandono da ideia de que a história *pode* ser escrita de forma verdadeira.”²

Foi uma premonição inicial da era da pós-verdade. O temor de Orwell era de que fosse o totalitarismo a força que destruiria a própria noção de veracidade. Como veremos, as pressões sobre a verdade hoje em dia são mais complexas, dispersas e traiçoeiras. No entanto, também são mais perturbadoras, porque não emanam de um identificável Grande Irmão, Goebbels ou *Izvestia***.

Não há nenhuma estátua para ser derrubada.

* Trecho extraído do ensaio “Recordando a guerra civil”, do livro *Lutando na Espanha*, de George Orwell, tradução de Ana Helena Souza, Editora Globo. Original de 1938 e tradução de 2006. (N.T.)

** Era o Diário Oficial da União Soviética. (N.T.)

Há outro motivo pelo qual é tão importante enxergar Trump como consequência, e não como causa. Sua saída do cargo político — independentemente de quando isso acontecerá — não marcará o fim da era da pós-verdade, e trata-se de um grave erro de análise pensar de outra forma. Não é uma batalha entre liberais e conservadores. É uma batalha entre duas maneiras de perceber o mundo, duas abordagens fundamentalmente distintas em relação à realidade: e, entre essas duas, você *tem* de escolher. Você se alegra ao ver o valor central do Iluminismo, das sociedades livres e do discurso democrático ser destruído por charlatães? Ou não? Você está em campo ou lhe basta estar sentado nas arquibancadas?

Apesar de toda a conversa a respeito de apatia e desmotivação da sociedade — parte dela justificada, parte não —, permaneço otimista. Acho que, apesar dos truques psicológicos que utilizamos em nosso proveito, no final das contas somos constituídos para requerer a veracidade e para resistir à falsidade. Há uma voz interior em nós que resiste às mentiras, ainda que essa voz tenha sido atenuada (por motivos que veremos). O desafio é convertê-la de um sussurro em um rugido. A verdade está por aí. Tomara que nós a exijamos.

MATTHEW D'ANCONA

Março de 2017

"QUEM SE IMPORTA?": A CHEGADA DA ERA DA PÓS-VERDADE

O BREXIT*, TRUMP E A NOVA AUDIÊNCIA POLÍTICA

Para tudo há um tempo: 1968 teve início a grande revolução da liberdade pessoal e o desejo pelo progresso social; 1989 será lembrado pelo colapso do totalitarismo; e 2016 foi o ano que lançou a era da “pós-verdade” de forma definitiva. A natureza, as origens e os desafios dessa era são o que este livro procura abordar.

Entramos em uma nova fase de combate político e intelectual, em que ortodoxias e instituições democráticas estão sendo abaladas em suas bases por uma onda de populismo ameaçador. A racionalidade está ameaçada pela emoção; a diversidade, pelo nativismo; a liberdade, por um movimento rumo à autocracia. Mais do que nunca, a prática da política é percebida como um jogo de soma zero, em vez de uma disputa entre ideias. A ciência é tratada com suspeição e, às vezes, franco desprezo.

* Brexit: *Britain exit*, ou seja, plano que prevê a saída da Grã-Bretanha da União Europeia.

No cerne dessa tendência global está um desmoronamento do valor da verdade, comparável ao colapso de uma moeda ou de uma ação. A honestidade e a exatidão não são mais consideradas como a maior prioridade nas trocas políticas. Como candidato e presidente, Donald Trump depreciou a suposição de que o líder do mundo livre deve ter ao menos uma familiaridade oblíqua com a verdade: de acordo com o site PolitiFact, que checa informações e é ganhador do Prêmio Pulitzer, 69% das declarações de Trump são “predominantemente falsas”, “falsas” ou “mentirosas”¹. No Reino Unido, a campanha a favor da saída da União Europeia triunfou com *slogans* que eram comprovadamente não verdadeiros ou enganosos, mas também comprovadamente ressonantes.

Os sites conspirativos e a mídia social tratam com desdém os jornais impressos ou a grande mídia (*mainstream media* — MSM), considerando-os a voz desacreditada de uma ordem “globalista”; uma “elite liberal”, cujo tempo já passou. Os “especialistas” são difamados como um cartel mal-intencionado, em vez de uma fonte de informações verificáveis. “Ouse saber” foi o lema proposto por Immanuel Kant para o Iluminismo. O congênere de hoje é: “Ouse não saber.”

Não por acaso, em 2016, o Oxford Dictionaries escolheu “pós-verdade” como sua palavra do ano, definindo-a como forma abreviada para “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal”². Sua exata etimologia é contestada, embora haja um consenso geral de que foi utilizada pela primeira vez em 1992, na revista *The Nation*, em um artigo do escritor sérvio-norte-americano Steve Tesich. Segundo Tesich, os norte-americanos estavam tão traumatizados com Watergate, o caso Irã-Contras e outros escândalos, que começaram a dar as costas para a verdade e conspirar exaustivamente por sua supressão:

Estamos rapidamente nos tornando protótipos de um povo em que os monstros totalitários podem babar em seus sonhos. Todos os ditadores até agora tiveram de trabalhar duro para suprimir a verdade. Por meio de nossas ações, estamos dizendo que isso não é mais necessário, que adquirimos um mecanismo espiritual capaz de despojar a verdade de qualquer significado. De uma maneira bastante radical, como povo livre, decidimos livremente que queremos viver em um mundo da pós-verdade.

Em 2010, o blogueiro David Roberts examinou as últimas constatações da ciência política-acadêmica e chegou a conclusões semelhantes, mas de uma perspectiva distinta. Era reconfortante imaginar que os eleitores reuniam fatos, tiravam conclusões desses fatos, assumiam posições a respeito das questões com base em suas conclusões e escolhiam um partido político de forma correspondente. No entanto, o comportamento eleitoral não condizia com esse ideal. Na prática, Roberts escreveu, os eleitores escolhiam um partido com base em afiliações de valor, adotavam as opiniões da tribo, desenvolviam argumentos para apoiar essas opiniões e (só então) selecionavam fatos para reforçar essas alegações:

Vivemos na política da pós-verdade: uma cultura política em que a política (opinião pública e narrativas midiáticas) se tornou quase totalmente desconectada da formulação de políticas (a substância da legislação). Sem dúvida, isso turva qualquer esperança de compromisso legislativo fundamentado.³

Em 2016, as profecias de Tesich e Robert se materializaram com impactos espetaculares. A eleição de Trump como quadragésimo quinto presidente dos Estados Unidos e a triunfante campanha da saída do Reino Unido da União Europeia marcaram indubitavelmente um levante contra a ordem estabelecida e uma demanda por uma

mudança mal definida: respectivamente, como “Tornar a América Novamente Grande” e “Reassumir o Controle”. As duas vitórias anularam as previsões displicentes de *experts*, pesquisadores de opinião pública e agenciadores de apostas. As duas iluminaram a paisagem em transformação, cujo surgimento a classe política e midiática falharam em registrar. De modo mais ostensivo, ambas as insurreições refletiram um novo e alarmante colapso do poder da verdade como motor de conduta eleitoral. A tese do blog de Robert se tornou uma realidade geopolítica.

Donald J. Trump é venerado por seus partidários como um homem de negócios não contaminado pela política. Ele é aclamado como o mestre das transações, do balanço patrimonial e da relação qualidade-preço. No entanto, como primeiro presidente da pós-verdade, ele é muito mais bem percebido como um animador de auditório do que como um político ou magnata (que, apesar de tudo, pediu falência seis vezes).⁴ Não por acaso ele twittou com tanta fúria ao ser ridicularizado no programa humorístico *Saturday Night Live* [SNL] e atacado por Meryl Streep na premiação do Globo de Ouro. Quando Arnold Schwarzenegger assumiu seu antigo papel como apresentador do reality show *O aprendiz*, Trump usou o Twitter para dar seu veredicto: “Uau, já chegaram os índices de audiência e Arnold Schwarzenegger os ‘afundou’ (ou destruiu) em comparação com a máquina de audiência DJT [as iniciais de Donald John Trump]”. Mesmo durante sua vacilante transição para a presidência, o presidente eleito teve tempo para uma sessão de fotos com Kanye West.

Como membro do World Wrestling Entertainment Hall of Fame — por mais incrível que isso possa parecer —, Trump se envolveu, em 2007, no “WrestleMania” [maior evento de luta livre do mundo], num combate supostamente improvisado com Vince McMahon, presidente da franquia global de luta profissional avaliada em 1,5 bilhão de dólares. De forma memorável, Roland Barthes, filósofo francês, categorizou a luta livre como uma “soma de espetáculos”.

Pode haver uma maneira melhor de descrever o comportamento desse presidente?

“Não há mais questões em relação à verdade na luta livre do que no teatro”, Barthes escreveu, uma formulação que parece ameaçadoramente familiar na era da “pós-verdade”. O desempenho é “episódico, mas sempre oportuno”, apresenta uma “baixeza amorfa” e “a imagem sempre distrativa do resmungão, confabulando sem fim sobre seu desprazer”. O espectador se diverte com a “magniloquência emocional, os paroxismos frequentes, a exasperação das réplicas”⁵.

Para Trump, nada disso é uma distração: é essencial tanto para sua identidade, quanto para a percepção do público de uma audiência que consome entretenimento, em vez de um eleitorado civicamente engajado. Suas prioridades não são a política, os recursos humanos ou a diplomacia. Em vez disso, ele atribuiu um novo papel à presidência, como o papel mais cobiçado do *show business*, parte de uma série contínua que o levou de ringues de luta livre, via breves aparições em filmes, até o Salão Oval da Casa Branca. Streep e o elenco do *SNL* não são apenas seus inimigos, mas companheiros intérpretes: colegas e rivais. Nesse contexto, deve parecer ridiculamente antiquado abordar o governo como o forjamento de planos de ação política baseados em evidências e a busca de apoio político necessário para implantá-los. O que conta são os índices de audiência.

Esse é o motivo de o presidente ter ficado tão preocupado ao saber que sua cerimônia de posse teve um comparecimento menor de pessoas do que a de Obama, em 2009. Na manhã seguinte à cerimônia, Trump falou pessoalmente com Michael T. Reynolds, diretor interino do National Park Service, e exigiu imagens adicionais que questionassem aquela história que se espalhava. No mesmo dia, Sean Spicer, o novo secretário de imprensa da Casa Branca, convocou uma entrevista coletiva especial e insistiu de forma hostil que: “... foi a maior audiência de todos os tempos em uma cerimônia de posse, presencialmente e em todo o mundo, ponto-final.” Em 2009, nas fotos, o público parecia maior, Spicer

afirmou, porque o novo piso branco que revestia o National Mall teve o efeito de “destacar áreas onde as pessoas não estavam, ao passo que, nas posses anteriores, a grama eliminou esse visual”. O governo Trump, ele advertiu, pretendia “cobrar responsabilidade da imprensa”⁶.

Por mais irritados que Spicer e seu chefe pudessem estar, a posição deles era hilariante e insustentável. Coube a Kellyanne Conway, assessora do presidente, encontrar um modo de esquadrihar o círculo epistemológico e fazer a conciliação da afirmação falsa com a prova fotográfica. No dia seguinte, no programa jornalístico *Meet the Press*, da rede NBC, Conway disse para Chuck Todd que havia uma explicação perfeitamente razoável: “Não seja tão radical em relação a isso, Chuck. Você está dizendo que é uma mentira [...], Sean Spicer, nosso secretário de imprensa, apresentou fatos alternativos a isso.”⁷

Na realidade, não foi a primeira vez que um partidário de Trump apresentou um argumento desse tipo. Em dezembro de 2016, Scottie Nell Hughes, comentarista de tendência conservadora, sustentou que a percepção era tudo o que contava. “Em toda campanha, uma coisa interessante de se observar é que as pessoas dizem que fatos são fatos. Não são realmente fatos”, ela afirmou no programa *The Diane Rehm Show*, da National Public Radio. “É como analisar índices de audiência ou um copo de água cheio pela metade. Todos têm uma maneira de interpretá-los como verdade ou não verdade. Infelizmente, fatos não existem mais.”

Contudo, Conway era alta funcionária da Casa Branca, e não uma animadora de torcida midiática. Em uma única e curta declaração, ela não só reconheceu a alvorada da era da pós-verdade como a adotou. Em sua radiante celebração da intervenção de Spicer, deu forma popular ao conhecido dito de Nietzsche de que “não há fatos, apenas interpretações”. O jornalista da NBC podia considerar a afirmação de Spicer uma mentira, mas, da perspectiva de Conway, era uma falta de compreensão das novas regras do debate político. Não havia realidade estável e verificável, apenas uma batalha incessante para defini-la:

seus “fatos” em contraste com os meus “fatos alternativos”. O fundamental era se manter à frente nessa batalha. A vitória sempre esteve no cerne da política. Mas agora — se a máxima de Conway prevalecesse — seria a única coisa importante.

Inútil negar o papel que a psicologia e os instintos pessoais de Trump desempenharam nesse processo. Muito antes da candidatura presidencial, a relação do magnata com a verdade era desgastada, na melhor das hipóteses. De Roy Cohn, seu advogado, reparador de encrencas e confidente — e ex-promotor público chefe nas audiências anticomunistas do senador Joseph McCarthy —, Trump aprendeu que a “marca” tem mais importância que a contabilidade pública de fato e ficção, e que a busca insone por publicidade é muito mais importante que a cobertura objetiva sem erros. O que Cohn ensinou a Trump foi muito mais do que relações públicas tradicionais — o gerenciamento das notícias —, mas a criação de um mito moderno. Nesse jogo, os fatos eram um luxo e, frequentemente, algo irrelevante.⁸

Em seu best-seller *Trump: a arte da negociação*, escrito por um *ghost-writer*, Donald Trump refere-se em tom de aprovação à “hipérbole verdadeira” — um eufemismo, se alguma vez houve um. O que importa não é a veracidade, mas o impacto. Seu mordomo, Anthony Senecal, revelou que Trump, certa vez, afirmou que os azulejos no quarto das crianças em Mar-a-Lago, seu clube em West Palm Beach, foram pessoalmente desenhados por Walt Disney. Quando Senecal questionou essa história improvável, seu chefe respondeu: “Quem se importa?”⁹

O que Trump queria dizer era que a história importava mais que os fatos. E foi exatamente sobre essa base que ele fez sua campanha em 2016. Em vez de alimentar à força o eleitorado com um inventário de fatos e detalhes de seu currículo, ele bramiu uma narrativa que impôs, até certo ponto, uma ordem bruta sobre as complexidades mutáveis da vida moderna. Ele foi explicitamente desagregador ao prometer a proibição da imigração de muçulmanos, um muro ao longo da fronteira com o México, um retorno ao protecionismo econômico.

No entanto, esse foi o ponto: oferecer à grande massa de eleitores brancos uma série de inimigos contra quem eles poderiam se unir, uma história na qual seriam capazes de desempenhar um papel e um plano mítico de “Tornar a América Novamente Grande”. O efeito foi narcótico, em vez de racional: melhor uma narrativa fantasiosa que parecia boa do que nenhuma. No centro dessa narrativa, estava o próprio Trump, um Gatsby sujo, cujo exibicionismo vulgar — bastante ridicularizado pela mídia — era exatamente o que tornava a história tão sedutora.¹⁰

A vitória o persuadiu de que, agora, ele estava mais ou menos liberado das restrições incômodas relativas aos fatos. Avancemos para a primeira entrevista coletiva de Trump como presidente, em que ele disse que alcançara “a maior vitória no colégio eleitoral desde Ronald Reagan”. Ao ser corrigido por Peter Alexander, da rede NBC, que mostrou que, em 2008, Obama assegurara 365 votos — 61 a mais do que Trump —, o presidente resmungou: “Estou falando dos republicanos.” Alexander respondeu que o republicano George H. W. Bush conquistara 426 votos, em 1988, e perguntou, com base nas afirmações falsas de Trump, por que os norte-americanos deveriam confiar nele. Aparentemente tranquilo, o presidente disse apenas: “Eu recebi essa informação. Na realidade, vi essa informação por aí. Mas foi uma vitória bastante substancial, você não concorda?”¹¹ Em outras palavras: quem se importa?

Assim, é tentador atribuir a ascensão da pós-verdade à ascensão de Trump. Tentador e errado. Se a culpa por essa crise de veracidade pudesse ser jogada sobre um único sociopata político, o problema poderia ser contido e limitado no tempo (nenhum presidente norte-americano cumpre mais do que dois mandatos de quatro anos). Porém, Trump é mais sintoma do que causa. Durante décadas, ele considerou concorrer à presidência e zombou disso de forma adequada. No entanto, como ele claramente intuiu, em 2016, sem dúvida alguma, as estrelas se alinharam em seu favor.

Trump também compreendeu que, guardadas as devidas proporções, a decisão do povo britânico de sair da União Europeia era um ensaio geral para sua futura vitória. Dias antes da eleição presidencial, ele previu que o resultado seria “Brexit mais, mais, mais”¹². O que ele quis dizer foi que a insurgência britânica contra o establishment pró-união europeia corresponderia e seria superada pelo levante do povo norte-americano contra as elites fracassadas de Washington.

Mas os paralelos eram mais profundos. Arron Banks, o empresário que financiou a campanha *Leave.EU*, em favor da saída da União Europeia, estava correto em sua análise do resultado do referendo: “A campanha pela permanência na União Europeia apresentou fatos, fatos, fatos, fatos. Não funciona. Você tem de se ligar emocionalmente com as pessoas. Esse é o sucesso de Trump.”¹³ Aqueles que pressionavam pela permanência da Grã-Bretanha na União Europeia bombardeavam o público com estatísticas: a saída custaria 950 mil empregos no Reino Unido; o salário médio cairia para £ 38 por semana; cada família pagaria, em média, £ 350 a mais por ano em produtos básicos; £ 66 milhões por dia em investimentos dos países da União Europeia no Reino Unido estariam em risco; o custo da saída seria de £ 4,3 mil por família... e assim por diante.¹⁴ Ficou fácil caricaturar essa torrente de dados indigeríveis como não mais do que uma série de afirmações arbitrárias.

O que os partidários do Brexit entenderam envolveu a necessidade de simplicidade e ressonância emocional: uma narrativa que dava significado visceral a uma decisão que talvez parecesse técnica e abstrata. Como Dominic Cummings, diretor de campanha do *Vote Leave*, favorável ao Brexit, sustentou na época: o argumento a favor da saída tinha de ser claro e se apegar a ressentimentos específicos do público. Uma mensagem baseada nas oportunidades de negócios proporcionadas pelo Brexit — “Go Global” — podia ser intelectualmente defensável, mas não ganharia votos. Uma pesquisa anterior realizada por Cummings sobre a possível adoção do euro pela

Grã-Bretanha revelou a potencial força de tração de uma promessa de “Reassumir o Controle”.

Em segundo lugar, Cummings acreditava que o custo semanal de pertencer à União Europeia — supostamente £ 350 milhões — deveria aparecer em primeiro plano na campanha e, crucialmente, identificado como dividendo para o National Health Service (NHS — Serviço Nacional de Saúde). Em outras palavras, subvencionar médicos e enfermeiras, e não burocratas de Bruxelas (sede de importantes instituições da União Europeia). Em terceiro lugar, a campanha deveria apresentar o possível acesso da Turquia à União Europeia como um perigo claro e presente para o controle britânico da política de imigração. “Fiquei surpreso com o choque que foi para a campanha de permanência quando nós a atingimos com a Turquia”, Cummings recordou mais tarde em um texto biográfico de um blog¹⁵. Surpreso ou não, ele estava certo de que a perspectiva de imigração — sobretudo da Turquia — iria mudar muitos votos e ajudar a levar a campanha a favor da saída a uma vitória histórica.

As analogias com o sucesso de Trump não são exatas, mas, como Banks entendeu, são bastante próximas. A rapidez com que os defensores do Brexit mudaram de posição a respeito das promessas que tinham vencido o referendo foi de tirar o fôlego. No programa jornalístico *Newsnight*, da BBC, um dia após o referendo, Daniel Hannan, membro do Parlamento Europeu pelo Partido Conservador inglês, negou que seu partido houvesse prometido ou insinuado que se daria uma redução drástica na quantidade de imigrantes. “Nunca dissemos que aconteceria algum declínio radical”, ele disse, para surpresa de Evan Davis, apresentador do programa. “Nós queremos uma medida de controle.”¹⁶

Posteriormente, ao defender sua posição pessoal, Hannan declarou: “Amigos, vejam o que eu disse em toda a campanha: está tudo no Twitter, no YouTube etc. Era por mais controle, e não por imigração mínima.”¹⁷ Essa pode ter sido pessoalmente a verdade de Hannan

— um político conhecido por sua integridade e seu intelecto —, mas não seria verdade dizer que o lado vencedor — o “Nós” ao qual Hannan se referiu — não incentivara a impressão de que a quantidade de migrantes entrando no país cairia.

Em 16 de junho, Nigel Farage, o então líder do Partido de Independência do Reino Unido (UKIP), divulgou um cartaz de uma longa fila de refugiados sírios incluindo o slogan “Ponto de Ruptura”¹⁸. A imagem foi amplamente repudiada, sobretudo por Boris Johnson, o porta-voz oficial mais proeminente da campanha favorável à saída da União Europeia, que declarou estar “profundamente triste”¹⁹ com a situação. Sem dúvida, ele estava: o cartaz explicitava o que os outros preferiam só insinuar.

Os eleitores que apoiaram o Brexit procuravam o controle *com um propósito*. Sob distintos aspectos, as diversas campanhas a favor da saída da União Europeia ficaram satisfeitas por desencadear expectativas ascendentes entre aqueles que escolhiam jogar a culpa de seus infortúnios — reais ou imaginários — sobre os imigrantes. Portanto, foi cultivada a noção perniciosa de que a mobilidade social da população é um jogo de soma zero: aqueles que vêm para o Reino Unido são um bando de parasitas que privam os britânicos nativos de lugares nas escolas, moradias, empregos e assistência médica (todas são alegações imaginárias, desmascaradas em detalhes por Neli Demireva, da Universidade de Essex)²⁰. Embora o ingresso da Turquia na União Europeia fosse uma possibilidade remota, na melhor das hipóteses — como deixa claro o mais recente relatório anual da Comissão Europeia a respeito de seu progresso —, conveio aos partidários do Brexit para atizar medo em relação ao seu acesso e uma consequente onda de migrantes muçulmanos²¹.

Foi a política da pós-verdade em seu estado mais puro: o triunfo do visceral sobre o racional, do enganosamente simples sobre o honestamente complexo. Não havia como essas expectativas a respeito de imigração serem alguma vez satisfeitas por um governo sério em

relação ao crescimento econômico. Sempre existiriam setores em que migrantes qualificados da União Europeia seriam requeridos — enquanto este livro era escrito, havia 130 mil desses migrantes trabalhando no sistema de saúde e assistência social, e mais são necessários. De uma forma ou de outra, o resultado do referendo não fez diferença para as regras que governam a imigração de fora da União Europeia ou para as obrigações britânicas subordinadas à Convenção das Nações Unidas relativas ao Estatuto dos Refugiados. As forças globais que motivam a mobilidade populacional não seriam subjugadas pela saída do Reino Unido de uma organização supranacional.

A Grã-Bretanha jamais se tornará a pátria nativista que alguns imaginaram ou foram incentivados a imaginar: sempre permanecerá uma nação pluralista e heterogênea, que acolhe milhares de recém-chegados por mês. Mas os eleitores podem ser perdoados por pensarem de outra forma.

Não menos espúria foi a afirmação — que adornava a lateral do ônibus de campanha pela saída da União Europeia — de que o Brexit propiciaria £ 350 milhões por semana para o NHS, sempre carente de dinheiro. Em primeiro lugar, a promessa não levava em conta o abatimento recebido pela Grã-Bretanha: sua contribuição líquida semanal para a União Europeia era mais próxima de £ 250 milhões²². Após apontar o erro, o UK Statistics Authority, órgão do governo responsável por estatísticas, declarou: “Estou decepcionado por notar que continuam as sugestões de que o Reino Unido contribui semanalmente com £ 350 milhões para a União Europeia, e que toda essa quantia poderia ser gasta em outro lugar.”²³ Mas a campanha a favor da saída da União Europeia prosseguiu, despudorada. Cummings insiste que Boris Johnson e Michael Gove, seu colega do movimento Leave, estavam “de acordo e determinados” a gastar essa quantia no serviço de saúde. Talvez eles tivessem se convencido de que essa transferência mágica de dinheiro iria acontecer: pós-verdade, como veremos, não é sinônimo de mentira.

Outros membros importantes do Vote Leave se alegraram bastante com o recuo em relação à promessa principal da campanha. Quatro dias após o referendo, Chris Grayling, o então líder da Câmara dos Comuns, reduziu-a a “uma aspiração”²⁴. Iain Duncan Smith, outro importante partidário do Brexit, também se distanciou da afirmação até então inequívoca: “Eu nunca disse isso durante o desenrolar da eleição (*sic*). Os £ 350 milhões foram uma extrapolação dos £ 19,1 bilhões; esse é o montante total de dinheiro que damos para a União Europeia. O que realmente dissemos foi que uma quantia significativa disso iria para o NHS.”²⁵ Claro que não era isso o que os eleitores eram levados a supor toda vez que viam o ônibus de campanha pró-Brexit na televisão ou que liam o twitte fixo de Matthew Elliott, diretor da campanha: “Vamos dar ao nosso NHS os £ 350 milhões que a União Europeia tira toda semana.”²⁶

Uma emenda apresentada à legislação por Chuka Umunna, membro do Parlamento pelo Partido Trabalhista, que desencadeava negociações que teriam testado o impacto de deixar o dinheiro no NHS foi posta de lado na Câmara dos Comuns. Cummings admite: “Teríamos ganho sem os £ 350 milhões/NHS? Toda nossa pesquisa e o resultado apertado sugerem enfaticamente que não.” Contudo, a rapidez com que a promessa foi jogada fora sugere que, provavelmente, nunca teria sido honrada. Apropriando-se de uma distinção muitas vezes feita pelos partidários de Trump, foi, sem dúvida, um erro considerar a campanha pró-Brexit ao pé da letra, em vez de levá-la a sério.

Contra esse pano de fundo de promessas quebradas ou frágeis, poderíamos esperar que o entusiasmo com o Brexit caísse bastante com a passagem dos meses. Mas isso não aconteceu nem um pouco. De acordo com uma pesquisa do instituto Opinium, publicada em janeiro de 2017, 52% dos eleitores acreditavam que a Grã-Bretanha “tomou a decisão correta ao decidir sair da União Europeia”²⁷. Algumas pesquisas de opinião, é verdade, refletiram preocupações acerca do provável conteúdo do acordo final. No entanto, mesmo quando as promessas de

campanha pró-Brexit derreteram, houve pouco sinal de remorso dos eleitores. Em fevereiro, o apoio à estratégia do governo subira para 53%, e 47% disseram que achavam que a primeira-ministra Theresa May conseguiria o acordo certo para a Grã-Bretanha (em comparação com apenas 29% que acreditavam que May fracassaria)²⁸.

Um padrão semelhante se impôs nas primeiras semanas da presidência de Trump: embora ele continuasse impopular, as medidas que prometeu e adotou obtiveram apoio geral²⁹. Algo que nos leva ao próprio cerne do fenômeno da pós-verdade.

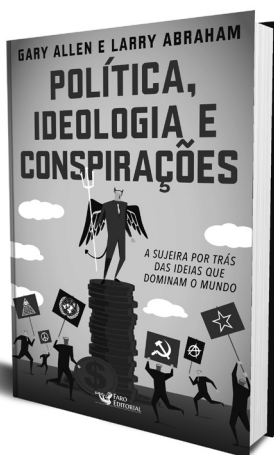
VERDADE SAINDO, EMOÇÃO ENTRANDO

A mentira é parte integrante da política desde que os primeiros seres humanos se organizaram em tribos. Os antropólogos assinalam a importância do engodo em sociedades primitivas, sobretudo, mas não exclusivamente, quando lidavam com forasteiros³⁰. Platão atribuiu a Sócrates a noção da “nobre mentira”: um mito que inspira a harmonia social e a devoção cívica. No Capítulo XVIII de *O Príncipe*, Maquiavel recomenda ao governante ser “um grande fingidor e dissimulador”.

Consideremos a experiência histórica norte-americana: seu ideal de honestidade política está enraizado em uma ficção. “Não posso contar uma mentira”, George Washington teria dito quando confrontado por seu pai diante de uma cerejeira caída. “Eu a cortei com meu machado.” No entanto, essa parábola foi uma invenção de Parson Mason Locke Weems, mitógrafo de Washington, que, casualmente, afirmou ser pastor de uma igreja que não existia³¹.

Na cultura norte-americana, o complemento para a declaração (composta de algumas partes) do jovem Washington foi a afirmação de Nixon, em novembro de 1973: “Não sou um escroque.”³² O presidente Truman, porém, o descrevera desse modo sucinto: “Richard

CONHEÇA TAMBÉM:



HÁ UMA CONSPIRAÇÃO MUNDIAL E ELA NÃO É SECRETA. ESTÁ DIANTE DE NOSSOS OLHOS. AQUI, OS AUTORES APRESENTAM OS FATOS.

Sempre ouvimos teorias sobre conspirações guiando o mundo, comandadas pelo *establishment* político, ditadas por sociedades secretas, confrarias, religiões e organizações à sombra do Estado. No entanto, nunca nos apresentam provas nem documentos que atestem a real existências das tramas.

Este livro mostra que, além de existirem, não se trata de algo secreto nem discreto, mas de uma guerra aberta, declarada e constante, que nos distrai com sua tática de colocar socialistas contra liberais, esquerda contra direita, capitalismo vs comunismo. Fomos divididos em torcidas de uma falsa disputa e os que realmente vencem nem precisam entrar em campo, sempre estiveram juntos em um terceiro lado, que não estava disputando nada, apenas nos ocupando enquanto mantinham o poder.

São os grandes banqueiros e elites globais que dirigem o mundo. Não à toa eles se vendem como socialistas, benevolentes e altruístas, há método nisso tudo: decidem as opções que você tem para votar, em que causas acredita, quais alimentos são saudáveis e o que deve consumir em todos os aspectos: bens móveis, imóveis e culturais.

Famílias como Rockefeller, Morgans, Rothschilds e grupos como Bildeberg, Frankfurt e outros super-ricos são os personagens daqui, sempre ligados a figuras como Lênin, Trótski, Mao Tsé-Tung, Hitler, Karl Marx e tantos outros. Com as revelações apresentadas, pode-se decidir, com mais consciência, de quais causas, movimentos e ideais realmente vale a pena participar.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
SERMOGRAF EM ABRIL DE 2018